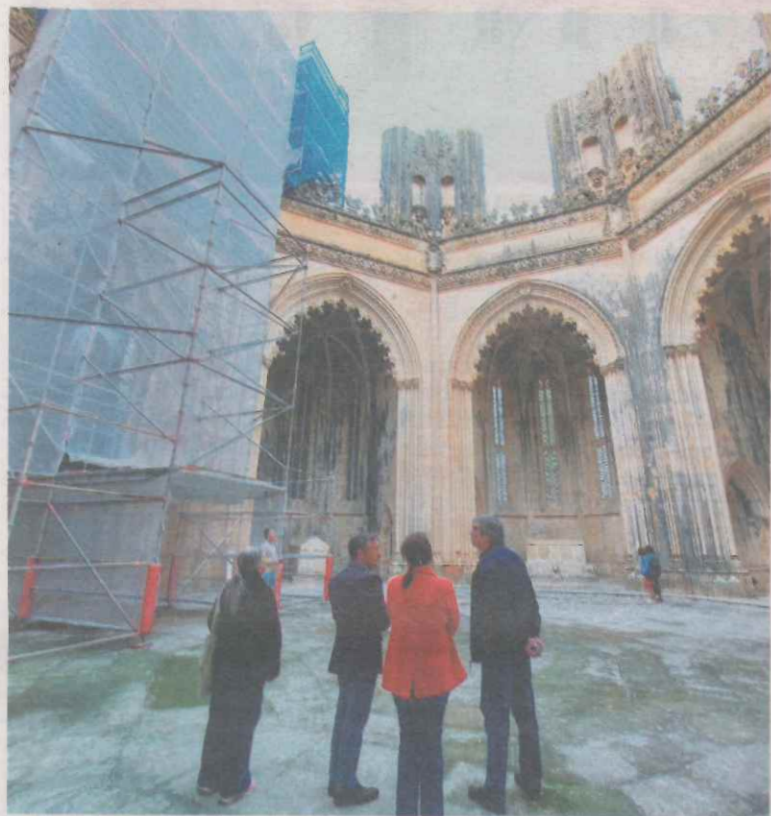


Maioria quer Capelas Imperfeitas como estão, mas estudantes vão propor alternativas de cobertura



Recuperação das Capelas reacendeu debate sobre a sua cobertura

É tema usual de conversa entre quem visita o Mosteiro da Batalha e, mais concretamente, as Capelas Imperfeitas. Fará sentido cobri-las, isto é, terminá-las? Será “sonho ou devaneio”?

De acordo com os resultados de um inquérito realizado pelo Mosteiro, a maioria prefere que permaneçam como estão. O tema alimentou uma ação que decorreu no último sábado, no Mosteiro da Batalha, e foi nesse âmbito que Júlia Rosário, técnica do monumento, apresentou os resultados do inquérito, que contou com sete dezenas de inquiridos. Cerca de 37 por cento dos inquiridos concordam com a colocação de uma cobertura atualmente; os restantes dividem-se entre quem recusa uma cobertura (42%) e quem apenas defende a instalação de uma proteção para evitar o acesso de pombos – uma das principais ameaças e agressões àquela zona do monumento (20%).

Para Clara Moura Soares, diretora do Mosteiro, os resultados não surpreendem. “Num caso complexo, é expectável que as

posições se dividam”, admite.

Socorrendo-se da sua experiência como vigilante do monumento, Júlia Rosário, que não morre de amores pela ideia de cobrir as Capelas, admite que “por vezes, as pessoas se indignam com o facto de não existir uma abóbada, por causa dos pombos e da chuva”. Provavelmente, refere, “não compreendem que as Capelas são, até, a parte medieval mais bem conservada” no monumento. No último sábado, Júlia Rosário e Pedro Redol, técnicos do Mosteiro,

1,2

As capelas imperfeitas do Mosteiro da Batalha estão a ser alvo de uma intervenção de conservação no âmbito do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR). O investimento previsto é superior a 1,2 milhões de euros

dinamizaram a ação com participantes no inquérito. O nome das Capelas, que só por si é já um património pela simbologia que encerra, como explicou Pedro Redol, mas também a eterna questão da sua eventual cobertura, foram assuntos incontornáveis.

A imperfeição daquele espaço emblemático radica também no âmago da palavra e na costela do seu significado, que se refere a algo por concluir. Na verdade, “não temos uma resposta acabada, a nossa resposta é imperfeita, mas podemos ajudar com a investigação que tem sido feita nos últimos anos”, adianta Pedro Redol. O conhecimento revela-se essencial na construção de alicerces para melhor se perceber aquele local e pensar no seu futuro. A questão da falta de cobertura não é nova, nem única. A fachada da Catedral de Florença e as catedrais de Siena, Ruão e Beauvais, em França, e a igreja de São Pedro, em Lovaina (Bélgica), são exemplos de outros monumentos inacabados. Por sua vez, James Murphy, que no final do século XVIII visitou a Batalha, aventurou-se numa proposta de cobertura das capelas do Mosteiro. E não foi, nem será, o último.

Atualmente, não existem planos para cobrir as Capelas, mas esse facto não impede que se imaginem soluções para uma questão antiga. No início de 2026, alunos da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa vão debater-se sobre o tema. “Está previsto um desafio para os alunos, no âmbito de uma disciplina de Reabilitação do Património. O objetivo é colocar as pessoas a pensar sobre aquele espaço, envolvendo-as nas nossas reflexões”, revela Clara Moura Soares. “Estamos curiosos com as propostas que dali possam surgir”, acrescenta. Com uma intervenção de conservação em curso, “o importante é que se conclua esta obra”, observa Pedro Redol. Em paralelo, recupera-se o património simbólico e mesmo o imaginário em torno de uma obra inacabada e, eventualmente, perfeita ou imperfeita por causa desse facto. Talvez porque o que fica por concluir é o que melhor nos conta a história de um lugar. CSA